



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
ESPECIALIZAÇÃO EM INTERFACE TEÓRICO-PRÁTICA PARA
O ENSINO DE LÍNGUA E LINGUÍSTICA

ANDRÉA MARQUES DA SILVA

A LEITURA DO GÊNERO DISCURSIVO CORDEL EM SALA DE
AULA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL

Guarabira - PB

2014

ANDRÉA MARQUES DA SILVA

**A LEITURA DO GÊNERO DISCURSIVO CORDEL EM SALA DE
AULA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Interface Teórico-Prática para o Ensino de Língua e Linguística da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Guarabira/Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do Título de Especialista em Ensino de Língua e Linguística.

Orientadora: Prof^a Dra. Wanilda L. Vidal de Lacerda

Guarabira

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S856l Silva, Andréa Marques da

A leitura do gênero discursivo cordel em sala de aula: uma prática possível [manuscrito] : / ANDRÉA MARQUES DA SILVA. - 2014.

50 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Interface Teórico-Prática para o ensino de língua e linguística) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Wanilda Lima Vidal de Lacerda, Departamento de LETRAS".

1. Língua Portuguesa - Ensino. 2. Leitura 3. Gênero discursivo 4. Literatura de cordel. I. Título.

21. ed. CDD 410

ANDRÉA MARQUES DA SILVA

**A LEITURA DO GÊNERO DISCURSIVO CORDEL EM SALA DE
AULA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL**

BANCA EXAMINADORA

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Prof^a Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda (UEPB)

ORIENTADORA

Adriana Sales Barros

Prof^a Dra. Adriana Sales Barros (UEPB)

1º Examinador

Luiz Henrique Santos de Andrade.

Prof^o Ms. Luiz Henrique Santos de Andrade (UEPB)

2º Examinador

Aprovada em 29/03/2014.

Ao meu amigo Felipe,

Dedico.

AGRADECIMENTOS

À **Deus**, meu braço forte e melhor Amigo que me criou segundo a sua vontade e me dotou de inteligência, sem Ele eu não poderia ter chegado até aqui.

Aos meus pais, **José Marques e Maria Madalena**, que me deram o suporte necessário para que eu pudesse estudar e hoje me formar. Em especial, a minha mãe que me encheu de carinho e amor nos momentos de maiores tribulações, sua força me manteve de pé.

Aos meus sinceros Amigos de classe: **Vanessa Gabriela, Alcione Vieira, Felipe Pereira e Débora**. Vocês são especiais para mim e sem vocês eu não teria continuado até o fim.

A todos os professores, que contribuíram com seus conhecimentos e incentivos para a nossa formação. Obrigada!

Às professoras Wanilda por acreditar nesse trabalho e pela paciência para comigo. Muito obrigada!

Devemos ler e levar ao espaço escolar toda manifestação artística, de qualquer grupo ou classe social, veiculada por diversos suportes – oral ou escrito. E por que fazê-lo? Porque toda vivência artística, de qualquer grupo comunica uma experiência peculiar do mundo. É preciso ouvir a experiência do outro não como menor, ou menos universal, mas como diferente.

Hélder Pinheiro

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a prática de leitura em sala de aula, mais especificamente, da leitura da Literatura de Cordel. Inicialmente, procuramos refletir sobre a prática da leitura na escola e como ela contribui na formação crítica de seus leitores procurando evidenciar a sua função social. Para subsidiar a análise, recorreremos à perspectiva do ensino de língua portuguesa pautada na própria leitura de textos. A metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica e revisão da fortuna crítica sobre o tema. No primeiro capítulo, tomamos por base textos apresentados por pesquisadores da área de linguística textual, gêneros do discurso e Literatura Oral. No segundo capítulo, apresentamos a Literatura de Cordel e suas peculiaridades. Por último, propomos a inserção do gênero discursivo Literatura de Cordel em sala de aula, pontuando sua forte contribuição na formação de alunos-leitores mais críticos e conscientes de valores muitas vezes esquecidos pela sociedade moderna.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa; Leitura; Gênero discursivo; Literatura de cordel.

ABSTRACT

This work proposes a reflection about the reading practice (or its lack) in the classroom, more specifically the reading of *Corde/Literature*. Initially, we reflected about the reading practice in the school and how it contributes to the critical formation of its readers, evidencing its social function. To subsidize the analysis, we supported to Portuguese language teaching based on text reading in itself. The methodology used was bibliographical research and critical fortune review about the theme. In the first chapter, we used texts presented by researchers of textual linguistic, discourse genres, and oral literature. In the second chapter, we presented the *Corde/Literature* and its specificities. At last, we proposed to teachers in general the insertion of the *Corde/Literature* discursive genre in the classroom, pointing out its strong contribution to the formation of students-readers with more critical sense and conscious about values which are forgotten by the modern society.

Key words: Portuguese Language Teaching; Reading; Discourse genre; *Corde/Literature*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA.....	10
2.1 O Lugar da Leitura nas Aulas de Língua Portuguesa.....	11
2.2 A Leitura como Instrumento de Interação	14
2.3 A Leitura e sua função social	17
2.4 Os gêneros discursivos	18
2.5 Os gêneros do discurso em sala de aula	20
3. ORIGEM, CARACTERÍSTICAS E FUNÇÃO SOCIAL DA LITERATURA	
ORAL	24
3.1 Folhetos de circunstância	26
3.2 ABC's	27
3.3 Pelejas	28
3.4 Romances	30
3.5 O Marco	31
3.6 Xilogravura	32
3.7 A Literatura Oral e a Literatura Infantil	33
4. O CORDEL EM SALA DE AULA	35
4.1 Sugestões de atividades com cordel em sala de aula	36
4.1.1 Conhecendo a realidade por outros olhos	36
4.1.2 Comparando gêneros	37
4.1.3 Sequencia didática com “Lampião o terror do nordeste”	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos temos visto que as políticas públicas voltadas para a educação vêm incentivando o educador a adotar uma concepção de ensino voltada para o interacionismo, em que a linguagem em si acontece, ou seja, através da interação com o outro, por meio do texto escrito ou oral nas diversas situações de comunicação. Sem dúvida ainda percebemos que em sala de aula o ensino tradicional da língua é o que prevalece, onde a língua é estudada de forma fragmentada e estática por meio de frases isoladas e descontextualizadas.

Diferentemente deste tipo de ensino tradicional e muitas vezes ineficiente, a linguística textual surge com uma concepção de ensino voltada para o estudo do texto, não como pretexto para estudo de regras e classes gramaticais, mas sim como parte principal para o estudo da linguagem, o texto passa a ser a base, o objeto de ensino da língua portuguesa.

A linguística textual entende que é no texto escrito ou falado que acontece a comunicação e esta só ocorre se houver interação. O texto é o elemento principal para o estudo da língua e aperfeiçoamento da mesma, sabemos que a língua não é fragmentada ela interage socialmente e funciona de maneira diferente em cada texto, ou gênero dependendo da situação sociocomunicativa que esteja inserida. Sendo assim, cada texto tem consigo particularidades próprias que se adequam às inúmeras situações.

Ao analisar um texto o aluno-leitor reflete sobre o mesmo e assim encontra seu sentido e função social. O texto em sala de aula não pode servir de pretexto para se ensinar normas gramaticais, ele é o elemento principal para chegarmos a um ensino de língua materna eficaz.

Diante desses pressupostos nosso trabalho propõe aos professores a inserção do gênero Oral Literatura de cordel em sala de aula levando em consideração sua função social.

No primeiro capítulo de nossa análise discorreremos sobre o ensino de Língua Portuguesa na escola e qual o lugar da leitura em sala de aula, assim

como sua função social. Ainda no primeiro capítulo faremos uma análise dos gêneros discursivos e como devem ser aplicados em sala de aula. Para a elaboração deste capítulo nos baseamos nas obras de linguistas e pesquisadores que se destacam no campo da linguística textual como: Neves (2004), Geraldi (1996), Bakhtin (2003), Marcuschi (2008), Koch (2007), Kleiman (2007), Zilberman & Silva (2005), Antunes (2003), Lajolo (2002), entre outros.

No segundo capítulo, apresentaremos um breve histórico sobre a literatura de cordel e suas peculiaridades, características formais, composicional e temática. Mostraremos as semelhanças entre a literatura de cordel e a literatura infantil.

Por fim, no último capítulo, com intuito de trabalhar o cordel em sala de aula, faremos duas sugestões de como trabalhar em sala de aula a leitura de cordel, privilegiando sua principal característica que é a oralidade, o cordel nasce da oralidade e deve ser lido em sala de aula também. Assim, sugerimos a leitura de dois cordéis o primeiro com temática saudosista e regionalista, onde o poeta canta a saudade de sua terra. Nossa sugestão é que este cordel seja lido e comparado ao poema de Gonçalves Dias Canção do Exílio; o segundo cordel, com temática histórico social, conta a história de um sertanejo nacionalmente conhecido Lampião o cangaceiro, através da leitura deste cordel com temática histórica e social o professor poderá chamar a atenção de seus alunos para os fatos históricos que foram conservados pela memória dos poetas e que por meio deles hoje podemos entender mais sobre o modo de vida do sertanejo e como estes nordestinos eram representados.

Com este trabalhado pretendemos evidenciar o quão importante e possível é trabalhar com o gênero oral Literatura de Cordel nas aulas de Língua Portuguesa. O professor desta disciplina deve estar aberto e destituído de preconceitos, para trabalhar esse gênero numa interdependência entre o contexto social, histórico, político e econômico dos produtores do cordel e os seus leitores, de forma que possa haver uma interação entre o texto e o aluno-leitor.

2. Ensino de Língua Português na Escola

O estudo de língua portuguesa, nos dias atuais, ainda mantém uma perspectiva tradicionalista. Embora tenha sido desenvolvida uma nova forma de se trabalhar o português em sala de aula, ela ainda é remota, eventual e isolada.

Percebemos que grande parte dos professores em exercício hoje ainda se detém ao ensino de nomenclaturas nas aulas de Língua Portuguesa, privilegiando em sala de aula apenas a concepção estruturalista de língua, deixando de lado o uso da leitura e produção de texto. Oliveira (2010, p. 34) vê nessa concepção de língua algo muito sério e preocupante.

Ensinar português seguindo a concepção estruturalista de língua significa ensinar estruturas gramaticais enfatizando suas formas sem nenhuma ou quase nenhuma preocupação com os usos que se fazem delas. A implicação disso para a sala de aula é séria, já que os alunos acabam estudando estruturas gramaticais descontextualizadas, muitas vezes sem saber quando devem usá-las.

Os professores ficam presos às formas tradicionais, fazendo assim com que os alunos achem que não sabem português ou então que o português é uma língua difícil. Esse mito foi bem explorado por Bagno (2008, p. 51) no livro “Preconceito Linguístico”, que afirma que “o nosso ensino de língua sempre se baseou na norma gramatical literária de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil”.

Essa obrigação de decorar e fixar as inúmeras regras acabam criando uma ilusão de dificuldade para o aluno. Por isso, necessitamos de um ensino efetivo de língua portuguesa nas escolas, mas não paralisado, sem nexos como temos hoje, um ensino puramente de nomenclaturas. O ensino de hoje não forma o aluno criticamente.

A grande tarefa da educação linguística contemporânea é permitir, incentivar e desenvolver o letramento dos alunos, isto é, a plena inserção desses sujeitos na cultura letrada em que eles vivem. Este é um dever da escola e um direito de todo

cidadão. E para que isso aconteça, para que as pessoas possam ler e escrever bem, elas tem que ler e escrever, ler e escrever, ler e escrever, reler e reescrever, re-reler e re-reescrever... Todas as milhares de horas-aulas jogadas fora todo ano com a decoreba inútil e enfadonha da nomenclatura gramatical e com os exercícios de análise morfológica/sintática têm de ser integralmente dedicadas à tarefa de letramento dos nossos estudantes. Ler e escrever ----- é isso que importa. Ler e escrever textos variados, de todos os tipos e de todos os gêneros que circulam na sociedade. Somente assim a pessoa vai estar minimamente habilitada a se mover em meio ao universo letrado que é a sociedade contemporânea, que exige de nós capacidades de leitura e escrita cada vez, mas variadas, que se transformam e se complexificam mais a cada dia. (BAGNO, 2008, p.86)

Como o nome já diz ensino de língua pressupõe o ensino das variações que torne o aluno capaz de exprimir seu conhecimento crítico através de sua fala e sua escrita.

Temos percebido que ainda há uma grande resistência por parte dos professores e da sociedade em geral para se trabalhar a diversidade linguística em sala de aula. No entanto, é necessário levarmos em consideração que, na própria sala de aula nos deparamos com variedades linguísticas decorrentes do perfil socioeconômico e cultural da população que frequenta o ambiente escolar.

Abordaremos, a seguir, em um breve ensaio, a respeito do lugar da leitura nas aulas de Língua Portuguesa, perspectivas e pressupostos teóricos que norteiam essa prática.

2.1 O lugar da Leitura nas aulas de Língua Portuguesa

A prática de leitura na escola é muitas das vezes inexistente ou incoerente. Percebemos que o ensino de leitura em sala de aula ainda é centrado em habilidades mecânicas de decodificação da escrita, a mesma é apresentada aos alunos como uma atividade pouco interessante e sem função, uma atividade que não dá prazer, usada como pretexto para avaliação e as vezes como punição.

Isto acontece porque a prática de leitura em sala de aula tem se concentrado na concepção estruturalista que concebe a leitura como decodificação/decifração de símbolos escrito e tradução oral do escrito. É preciso que o educador entenda que a leitura ultrapassa a decodificação e a sonorização de um símbolo escrito. Lajolo (2002, p. 54) afirma que:

Ler não é decifrar como num jogo de adivinhações o sentido de um texto. É a partir do texto ser capaz de atribuir-lhe significados, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura ou rebelar-se contra ela propondo outra não prevista.

A citação de Lajolo nos leva a entender que ler é atribuir significado ao que se está lendo, é compreender o texto lido. Quando o leitor participa do texto, constrói um novo sentido, ele está interagindo com o mesmo, buscando novas informações, tentando interpretar e compreender o seu conteúdo e as intenções do autor.

Para Antunes (2003), "A leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda uma atividade de acesso às especificidades da escrita". Isto significa dizer que, a leitura amplia o nosso conhecimento informacional, ou seja, através da leitura adquirimos mais informações, ideias, conceitos e etc.; a leitura, também, nos permite desfrutar de imagens e ideias até então desconhecidas; por meio dela aumentamos nosso vocabulário e tomamos conhecimento de uma infinidade de gêneros textuais.

Para Saveli (2007, p. 108) "a leitura ainda é tomada como decodificação e tradução oral do escrito", diante disto a sala de aula passa a ser palco de práticas de soletração ao invés de leitura. Esta concepção é puramente estruturalista, mas infelizmente ainda faz parte do cotidiano de alunos e professores em seus ambientes escolares. É preciso que o profissional da educação consiga diferenciar os termos alfabetizar e letrar, para então levar seus alunos a desenvolver de maneira eficaz a prática da leitura e da escrita.

Para Magda Soares (1998, p. 107) Letramento é:

“muito mais que simplesmente decifrar códigos, ele é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita.”

Sendo assim, alfabetizar nada mais é que inserir a criança na prática da leitura, fazendo com que ela aprenda a ler, decodificando e assimilando os signos linguísticos; enquanto que letramento consiste em fazer com que a criança tome gosto pelo hábito de ler e escrever, conduzindo-a aos diversos tipos de expressões textuais, capacitando-a a criar relações com práticas de leitura e escrita, compreendendo e questionando, ou seja, fazendo a chamada leitura do mundo a partir de suas práticas sociais.

Em seu ensaio “Ler por ler: Um futuro para a leitura” Armando Petrucci (1999) destaca que historicamente a leitura sempre foi mais valorizada que a escrita tanto pela escola, como pela Igreja, bibliotecas e indústrias editoriais.

Se a prática do professor, no interior da sala de aula, estiver marcada pela preocupação do saber decifrar, do saber reconhecer palavras e/ou extrair o significado de um texto, tais condições serão inócuas para a formação de leitores. (SAVELLI, 2007, p. 124)

Infelizmente, boa parte dos profissionais da educação ainda se encontra presos a antigas metodologias de ensino e aprendizagem. A prática da leitura em sala de aula é escassa e quando acontece limita-se apenas a decodificação, pois, o aluno não consegue atribuir sentido ao texto que lê e, desta forma, a leitura deixa de ser prazerosa e passa a ser enfadonha.

A seguir apresentamos a leitura numa perspectiva interacionista e de construção de sentidos na vida do leitor, partindo do pressuposto de que a leitura é um ato social e interativo (KLEIMAN, 2010).

2.2 A Leitura como instrumento de interação

[...] leitura é um ato social, entre dois sujeitos - leitor e autor - que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados. (KLEIMAN, 2010, p. 10)

A leitura é um processo cognitivo e perceptivo, onde a prática da mesma condensa tanto as informações presentes no texto, como as informações que o leitor traz consigo, assim a construção de sentido ocorre através da interação entre leitor e texto. O modelo interacional é o mais apropriado para o entendimento do ato de leitura como um processo de compreensão, do qual participam tanto o texto, sua forma e conteúdo, quanto o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. O leitor faz uso de sua competência enquanto leitor e interage com o autor, por meios de técnicas interpretativas, seguindo as “pistas” que o autor sugere ao longo do texto, para que consiga chegar às suas conclusões. Kleiman (2010) afirma ainda que “O leitor constrói, e não apenas recebe, um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões”.

Para Orlandi (2008) o leitor não deve considerar o texto apenas como um produto acabado, mas deve tentar observar o processo de produção e significação do mesmo.

[...] o leitor não apreende meramente um sentido que está lá; o leitor atribui sentido ao texto. Ou seja: considera-se que a leitura é produzida e se procura determinar o processo e as condições de sua produção. Daí se poder dizer que a leitura é o momento crítico da constituição do texto, o momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação. No momento em que se realiza o processo da leitura, se configura o espaço da discursividade em que se instaura um modo de significação específico. (2008, p. 38)

Desta forma, percebemos a estreita relação entre o texto, o leitor e o contexto; sendo que o leitor é o elo construtor dos significados construídos a partir de seu contexto e do texto. A leitura é vista como uma construção do significado, numa perspectiva de interação entre estes dois mundos: o do autor e do leitor do texto, criando e recriando significados. Neste processo de compreensão e construção de sentido, o leitor não encara o texto como mera

decodificação de uma mensagem, mas sim, como uma atividade interativa, onde autor, leitor e texto interagem. Nesse processo de interação o conhecimento prévio que o leitor detêm é essencial para construir o sentido do texto, através da interação texto-sujeito, como afirma Kleiman (2008, p. 25):

A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. Este tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto é um processo inconsciente do leitor proficiente.

Esse conhecimento prévio abordado por Kleiman é dividido em três: o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo. O linguístico diz respeito ao conhecimento que temos sobre a língua, aquele conhecimento próprio dos falantes de uma língua, é o conhecimento gramatical básico, das regras gramáticas, que é necessário para se compreender um texto. O textual diz respeito a noções e conceitos sobre o texto, os diversos tipos de texto, sua estrutura e formas de discursos. "Quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será a sua compreensão" (KLEIMAN, 2008, p. 20). O conhecimento de mundo é o conjunto de todos os conhecimentos adquiridos com base nas experiências, pode ser adquirido formalmente (através de leituras anteriores ou na escola) ou informalmente (experiências de vida).

É na interação entre os três níveis de conhecimento, expostos acima, que ocorre a compreensão do que foi lido. Isso significa dizer que, nenhum dos conhecimentos citados pode ser considerado superior ou mais importante que o outro. É na relação estabelecida entre os três e o que lemos que se completa o sentido do texto.

Quando lemos fazemos com que o conhecimento que já possuímos sobre determinado assunto (o conhecimento prévio) interaja, relacione-se com as informações contidas no texto, estabelecendo, desta forma, um diálogo entre tudo que está retido na nossa mente e no texto.

Na busca da compreensão, do sentido do texto, o leitor estabelece uma série de objetivos como formas de estratégias que o ajudam a encontrar essa significação ou sentido. Essa capacidade de estabelecer objetivos na leitura adquirida pelo leitor no decorrer dos anos é denominada de metacognição (NEGROMONTE, 2009). Esta capacidade é pouco difundida pela escola que propõe uma leitura descontextualizada, sem objetivos significativos para a vida do leitor. A leitura proposta na escola é uma atividade mecânica que não conduz à aprendizagem e não fornece o desenvolvimento das estratégias cognitivas de leitura (KLEIMAN, 2007).

E nessa constante busca pela compreensão do texto o leitor se vale de dois elementos: os extralinguísticos e os linguísticos. O extralinguístico está relacionado às formas e normas que levam o leitor a definir um enunciado como sendo ou não um texto. E o linguístico refere-se aos elementos internos do texto. Nesta perspectiva, o texto é considerado uma unidade semântica, isto é, dotado de um significado que deve ser desvendado pelo leitor por meio de pistas que o próprio autor deixa, tais como os elementos coesivos utilizados pelo mesmo para auxiliar a compreensão por meio de referências que ligam as diversas partes de um texto.

Entretanto, esses elementos nem sempre são suficientes para tornar o texto significativo, ou seja, coerente. Para chegar à compreensão é preciso analisar o texto como um todo, num conjunto formado pela intenção que o autor teve ao escrevê-lo e os elementos linguísticos utilizados para expressar essa intenção. É nesse processo de interação, entre autor e leitor, na inferência entre os elementos buscando a compreensão que o leitor desenvolve um comportamento sistemático denominado de estratégias cognitivas de leitura (KLEIMAN, 2007, p. 50).

No próximo ponto, discorreremos a respeito função social da leitura, os efeitos sobre a aprendizagem e as contribuições que esta exerce na vida dos sujeitos.

2. 3 A Leitura e sua função social

Ler, como referido anteriormente, é mais que decifrar códigos e sinais gráficos. É participar do texto, da construção do seu sentido, fazer cumprir a intenção do autor que o escreveu, isto é, compreender a mensagem oculta nas entrelinhas, por detrás das palavras. Portanto, é um ato complexo e uma prática interativa.

Segundo Zilberman & Silva (2005), numa sociedade letrada, ou seja, que domina a tecnologia do ler e do escrever, a leitura pode se tornar um instrumento ou meio de controle, com que as classes dominantes controlam os menos favorecidos, difundindo e fazendo com que suas estruturas e práticas sociais sejam reproduzidas, assimilada e imitadas. Mantendo, dessa forma, sua condição de detentores do poder.

É este um dos aspectos ou funções da leitura dentro de uma sociedade servir de suporte para transmissão da cultura dominante pelos dominados. Por outro lado, por ser um ato individual e ao mesmo tempo social e coletivo, portanto de interação e construção de sentidos, a leitura pode ser considerada também como um meio de libertação, isto é, uma forma de se abrir o “leque” de conhecimento, oferecido e gerado pelos cidadãos da era do conhecimento, ou seja, um meio pelo qual o conhecimento, o saber se propaga e faz surgir a conscientização, conforme afirma Zilberman & Silva (2005, p. 112):

Compreendida dialeticamente, a leitura também pode se apresentar na condição de um instrumento de conscientização, quando diz respeito aos modos como a sociedade, em conjunto, repartida em segmentos diferentes ou composta de indivíduos singulares, se relaciona ativamente com a procura cultural, isto é com os objetos e atividades em que se depositam as manifestações da linguagem.

Em outras palavras, pode se afirmar que o ato de ler funciona como uma ponte que une o indivíduo “leitor” ao conhecimento. A leitura funciona como mediadora entre o leitor que busca e a informação ou conhecimento que o texto oferece, uma vez que o possibilita ter contato com uma cultura diferente da sua, refletida e expressa no texto.

Assim, a leitura, exerce na sociedade uma função de grande importância, a de levá-la a desbravar novos horizontes, descobrir e conquistar

novos níveis de conhecimento, em oposição a outros meios onde encontramos conhecimentos prontos, acabados que nos poupam o trabalho de pensar, “atribuir sentidos” (Koch, 2007) buscar e construir significados (KLEIMAN, 2007), ou seja, é como um mapa do tesouro, com o qual seguimos as orientações e chegamos ao “ouro”, neste caso, ao conhecimento.

A partir de agora, discorreremos acerca dos gêneros discursivos e sua relação com o ato comunicativo.

2.4 Os gêneros discursivos

De acordo com Marcuschi (2008, p.154):

(...) É impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Daí a centralidade da noção de gênero textual no trato sociointerativo da produção linguística.

O texto e os gêneros estão intimamente ligados, pois enfatizam o ato de comunicar e interagir. O número de gênero é ilimitado e todos têm uma função comunicativa a ser desempenhada na sociedade. Por isso, é necessário que o falante tenha domínio do maior número de gêneros possíveis, pois, quanto maior for sua competência, melhor será seu desempenho, o que lhe permite prevê quadros de sentidos e comportamentos nas diferentes situações de comunicação com que se depara cotidianamente. O conhecimento dos gêneros possibilitará ao indivíduo uma melhor escolha de vocabulário para diversas ocasiões.

Bakhtin (2003) dividiu os gêneros em primários e secundários. Os gêneros primários, também conhecidos como simples, são aqueles que resultam das situações de comunicação verbal, não são elaborados, são espontâneos, por exemplo, uma conversa em amigos e familiares. Os gêneros secundários exige uma maior elaboração a fim de construir um enunciado relativamente mais desenvolvido, por exemplo, o romance, pesquisas acadêmicas e científicas, etc.

Todo e qualquer enunciado são produzidos para alguém, com uma intenção comunicativa predefinida. Esta intenção é parte da condição de produção desses enunciados, onde o autor seleciona e escolhe os usos linguísticos que originam os gêneros. O estilo do discurso é definido pelo autor, a partir das concepções que o mesmo tem a respeito do receptor. Desta forma, alguns aspectos são considerados na elaboração do enunciado, como as convicções, os preconceitos, seu grau de letramento, suas crenças e convicções e etc. Esses fatores determinam a escolha do gênero adequado à determinada situação comunicativa.

Assim, percebemos que da mesma forma que a língua sofre mudanças e variações ao longo do tempo, à medida que o homem faz uso da linguagem ela sofre mutação, pois a língua é passível de alteração, ela se aprimora ou mesmo se reduz. Essas mudanças ocorrem em função do desenvolvimento sociocultural ou por influência de outras línguas.

Sendo assim, os gêneros também podem sofrer alterações e até substituições ao longo do tempo em consequência do momento histórico ao qual estão inseridos, por exemplo, o gênero carta, que foi bastante utilizado nos séculos anteriores, hoje, no entanto, tem sido substituído pelo e-mail. Cada situação social dá origem a um gênero, com características particulares. Diante da infinidade de situações comunicativas e que em cada uma delas fazemos o uso da língua, perceberemos que há também infinitos tipos de gêneros.

Para Bakhtin (2003) o gênero discursivo tem os seguintes aspectos: Conteúdo temático (assunto), plano composicional (estrutura formal) e estilo (vocabulário, composição frasal e gramatical). Estas características estão relacionadas entre si e são determinadas conforme a situação comunicativa.

A vivência em situações comunicativas e o contato com os vários gêneros do discurso exercitam a competência linguística do produtor de enunciados. Esta competência auxilia o produtor de determinado discurso, a saber, o que é ou não aceitável em determinada prática social, por isso, quanto mais experiência o autor tiver, mais habilidade ele terá para diferenciar os gêneros e reconhecer seu sentido e sua estrutura composicional.

Desta forma, Bakhtin (2003) afirma que o discurso não é por si só autossuficiente, ele só pode ser compreendido na situação social que o engloba, não de forma isolada, pois, o mesmo participa de um contexto social e se dá através de processos de interação. O gênero está inserido na memória onde estão armazenadas as grandes conquistas das civilizações e as descobertas significativas sobre o ser humano e suas ações no tempo e no espaço em que vivem. Ele adquiriu conteúdo cultural, pois nasce da tradição do meio em que convive, sendo considerado assim, a expressão de um tempo, de culturas e civilizações.

Assim, concluímos que o gênero é um fenômeno social, sua existência está intimamente relacionada à situação comunicativa de seu falantes. Por isso, Bakhtin (2003) afirma que, os enunciados são fenômenos sociais, produtos da interação verbal, cuja existência está diretamente ligada à sociedade que os utilizam.

Neste próximo ponto, discorreremos brevemente a respeito do trabalho com os gêneros discursivos em sala de aula.

2.5 Os gêneros do Discurso em sala de aula

A língua escrita padrão em detrimento da língua falada ainda é a modalidade mais prestigiada em sala de aula. Apesar de, constantemente fazermos uso da oralidade nas diversas situações de comunicação, em sala de aula a oralidade quase nunca é priorizada. Isso se deve ao fato de que, as aulas de Língua Portuguesa na escola tem se resumido ao ensino de nomenclaturas gramaticais.

O que vemos hoje em nossas escolas é que se gasta um precioso tempo fazendo análise de enunciados, os alunos são levados a aprender o nome das categorias e as funções, assim como a subclassificação de cada uma delas, deixando de lado a significação de cada enunciado.

Segundo Neves (2004), primeiro devemos entender que a língua não é um sistema uno, ela abriga um conjunto de variantes; segundo, a norma é um fator de identificação sociopolíticocultural que agrega valores a cada grupo ou

comunidade, por último não devemos considerar apenas a norma padrão como ideal.

Os educadores em geral tendem a valorizar a língua escrita por esta ser mais organizada que a língua falada; e é até compreensível essa preferência, visto que, os próprios pais esperam que seus filhos aprendam a ler e escrever quando vão à escola. Assim, a língua escrita passa a ocupar todos os espaços na escola, deixando de lado a discussão da cultura popular que está intimamente ligada à comunicação oral.

Nas aulas de português a leitura é utilizada pelos professores de forma errônea, pois os educadores tendem a se preocupar apenas com a decodificação dos signos linguísticos, sem atentar para a interação entre o texto e o aluno-leitor. Assim, a leitura em sala de aula deixa de ser algo prazeroso e passa a ser meramente instrumento de avaliação, treino que trará cobranças aos alunos.

Quanto aos gêneros, os professores tendem a ensinar fórmulas ou a estrutura dos textos para que os alunos reconheçam o formato de cada gênero como se ele fosse fixo e imutável. As aulas de português têm como características atividades rotineiras que partem da leitura oral e silenciosa de textos, para em seguida, o professor exigir a resolução de questões de interpretação e de compreensão do texto.

Para Geraldi (2006) ler não é apenas decifrar, decodificar uma mensagem, como num jogo de adivinhação, mas sim ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais veremos, no entanto, ao interagirmos com seus textos, seremos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de ver e o mundo, as coisas, as pessoas e suas relações.

Na escola o professor tende a fazer com que o aluno identifique a que gênero pertence um determinado texto, domine as características de vários gêneros, de forma que o educando consiga listar e separar as características de cada gênero.

No entanto, para que a prática de leitura na escola seja eficaz, é importante que o professor retome as funções e usos sociais e históricos das atividades de leitura num processo pedagógico comprometido com os gêneros

textuais e não pelos gêneros textuais, pois é dever do professor inserir em sala de aula essas práticas sociais através da leitura e por meio de uma mediação intencional e sistematizada.

Sendo assim, é necessário que o professor conheça e familiarize-se com os gêneros discursivos que permeiam a sociedade letrada e semi-alfabetizada e por que não inserir também a não letrada. O texto deve ser tomado como base do ensino e aprendizado da língua portuguesa, sem deixar de ressaltar sua importante contribuição às práticas sociais. Entretanto, percebemos que ainda hoje em sala de aula o texto que deveria ser objeto de ensino tem adquirido outras funções, sendo usado como pretexto para ensinar regras gramaticais.

O trabalho com gêneros discursivos amplia o contato com recursos linguísticos que permeiam o cotidiano das pessoas e difunde a concepção de que o texto é produzido diariamente em todos os momentos em que nos comunicamos, seja na forma escrita ou oral. Assim, é necessário que o professor incentive práticas de letramento por meio da leitura e também da escrita habilitando efetivamente seus alunos a participarem da sociedade. Mas, é preciso, como já mencionado antes que o educador conheça o gênero a ser trabalhado em sala de aula, caso contrário não conseguirá realizar uma descrição do gênero a ser trabalhado.

O importante no trabalho com gêneros discursivos em sala de aula é saber identificar e encontrar informações necessárias à vida em sociedade, os alunos devem ser instigados pelo professor a identificar a finalidade do texto, quem está falando no texto, para quem, em que situação e com que objetivo o texto foi produzido, além de perceber os recursos linguísticos utilizados e os efeitos produzidos pela leitura.

A leitura de um texto sob um determinado contexto propicia ao leitor em formação elementos que são ampliados pela mediação pedagógica do professor, pois é dever do docente ajudar o educando a construir sentido e perceber o propósito do texto, descobrir o porque das escolhas linguísticas feita pelo autor, assimilando, interiorizando e refletindo sobre o texto, sobretudo sua função social.

No capítulo seguinte abordaremos o gênero Literatura de Cordel, sua origem, características e função social, suas modalidades e sua semelhança com a literatura infantil. Analisaremos seu estilo composicional e sua recepção social, seu modo de produção e contexto social em que são produzidos, assim como seus variados temas.

3. Origem, características e função social da Literatura Oral

O termo literatura de cordel está associado à divulgação de histórias tradicionais que tratam de narrativas de tempos passados que foram conservadas e transmitidas de geração a geração através da memória popular. Ela está vinculada a memória cultural e, é recontada em forma de versos, aproximando-se do mito, da lenda, do conto popular e do causo. Nesta literatura são apresentados fatos ocorridos recentemente e acontecimentos sociais que despertam a curiosidade da população.

Segundo (PINHEIRO; MARINHO, 2012, p.18) o termo "Literatura de cordel" foi empregado pela primeira vez por estudiosos da cultura brasileira para designar os folhetos vendidos nas feiras, das pequenas cidades do interior do nordeste. Na verdade o termo "cordel" vem de Portugal, onde os livros impressos em papel barato e vendidos em feiras eram assim chamados. Os cordeis em Portugal eram escritos e lidos por pessoas da classe média, como por exemplo, advogados, professores, militares, funcionários públicos e etc., essas pessoas compravam e liam para outras não alfabetizadas.

No Brasil, a literatura de cordel encontrou no Nordeste o ambiente ideal para florescer, este ambiente constituído de manifestações populares, aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, secas frequentes que causavam desequilíbrios econômicos e sociais, brigas familiares, coronelismo, religiosidade, entre outros fatores, fornecia as condições ideais para o surgimento desta forma de comunicação literária. Por isso, no final do século XIX e início do século XX, o cordel passou a fazer parte da vida dos nordestinos que viviam no campo, ou na cidade.

O folheto vai para as ruas e praças e é vendido por homens que ora declamavam os versos, ora cantam em toadas semelhantes às tocadas pelos repentistas. São nordestinos e semialfabetizados que entram no mundo da escrita, das tipografias, da transmissão escrita e não apenas oral. A poesia popular, antes restrita ao universo familiar e a grupos sociais colocados à margem da sociedade (moradores pobres de vilas e fazendas, ex-escravos, pequenos comerciantes, etc.), ultrapassa fronteiras, ocupa espaços outrora

reservados aos escritores e homens de letras do país. (PINHEIRO, MARINHO, 2012, p. 18)

Assim, o cordel passou a ter muita importância para uma população analfabeta, onde o livro não estava disponível. Essa população analfabeta se encantava com as narrativas tradicionais, os romances e as novelas que eram transmitidos oralmente, antigas histórias ouvidas e contadas por mulheres e homens que através de suas narrações preservavam e repassavam seus conhecimentos e experiências que estavam registradas na memória individual e coletiva de cada sociedade.

Os folhetos eram feitos para serem lidos em voz alta, nas salas das casas ou nas feiras. A aproximação com o universo dos leitores é um recurso também usado pelos contadores de histórias, que envolvem a platéia substituindo os nomes das personagens por aqueles que estão presentes. (PINHEIRO & MARINHO, 2012, p. 38)

Assim, a literatura de cordel torna-se um instrumento de comunicação para uma sociedade que não tinha acesso aos meios de comunicação da época. Através da memória popular preservava-se e transmitiam-se velhas narrativas e também acontecimentos recentes. Desta forma, esta literatura correspondia a um meio de comunicação, um elo capaz de interligar o homem aos acontecimentos do mundo.

O contexto em que o cordel é produzido é o nordeste brasileiro, que devastado pela seca, acaba por desencadear outros temas como a fome, a miséria e a morte. Notamos ainda a presença da crítica às autoridades omissas para com os problemas do sertão e dos sertanejos. E por causa deste contexto, a temática religiosa e moralizante está quase sempre presente nas obras.

Uma das características marcantes da literatura de cordel são as marcas de oralidade, ou seja, a linguagem popular. Estruturalmente o cordel é composto por estrofes que é chamada de "verso" e o verso é chamado de "linha" ou "pé". O conjunto das estrofes é chamado de "obra". A linha tradicional é a quadra que é composta por quatro versos, podendo expandir-se

para a obra de seis linhas que são as sextilhas, ou septilha, se for composta por sete linhas ou pés.

Quanto aos aspectos morais, segundo PINHEIRO & MARINHO (2012) no cordel "há poucos personagens e as descrições de paisagens e situações são breves. As paisagens são nordestinas, as comidas também, assim como os sonhos."

No livro "O cordel no cotidiano escolar", PINHEIRO & MARINHO, nos apresentam algumas temáticas presentes na literatura de cordel e aponta algumas características da literatura de cordel que se assemelham a literatura infantil brasileira. Os autores afirmam que a fantasia, a musicalidade, o humor, a recriação de contos de fada tradicionais, a presença de animais e o caráter fabular, são marcas comuns tanto a literatura infantil, quanto a literatura de cordel.

Para PINHEIRO & MARINHO (2012) a literatura de cordel pode ser dividida em quatro modalidades, entre elas, os folhetos de circunstância, os ABC's, as pelejas e os romances.

3.1 Folhetos de circunstância

Esta modalidade não pode ser confundida com um relato jornalístico. Neste tipo de folheto, que também é chamado de folheto de época, encontram-se as últimas notícias de acontecimentos políticos e históricos do mundo, assim como, histórias sobre assassinatos de pessoas famosas ou mortes trágicas. Abaixo temos um exemplo recente do cordelista Gustavo Dourado, homenageando o recentemente saudoso ator José Wilker.

Homenagem ao Ator José Wilker

(Gustavo Dourado)

José Wilker foi embora:

Um ator "felomenal"...

Teve grande Amor à Vida:

Um personagem central...

Destaque na televisão:

Quintessência teatral...

Nasceu em Juazeiro do Norte:

Cearense, nordestino...

Em 1946:

Começou o seu destino...

Foi locutor de rádio:

Um intérprete cristalino...

Do Ceará foi-se jovem:
Para o Rio de Janeiro...
Sociologia na PUC:
O teatro vem primeiro...
Deixou a faculdade:
Pra atuar no tabuleiro...

Presença em 51 filmes:
Foi crítico e diretor...
Gostava da narrativa:
Era apresentador...
Em dezenas de novelas:
Destacou-se como ator...

Gabriela, de Jorge Amado:
Foi Vadinho sedutor...
Em filmes de Cacá Diegues:
Bye Bye, Brasil, um primor...
Conquistou vários prêmios:
Molière de Melhor Ator...

Atuou em Xica da Silva:
Foi JK no cinema...
Como Antônio Conselheiro:
Em Canudos, um dilema...
José Wilker com maestria:
Fez da vida um poema...

Roque Santeiro impecável...
Com a viúva Porcina...
Muitos amores na vida:

Amou sua Guilhermina...
Dias Gomes dissecou:
Com atuação cristalina...

Viveu o doutor Hérbet:
Novela Amor à Vida...
Trama de Walcyr Carrasco:
Em sua longa avenida...
Rodrigo, em Anjo Mau:
Foi fecunda a sua lida...

Bicheiro Giovanni Improtta:
Em Senhora do Destino...
Fez Tenório Cavalcanti:
E o Coronel Jesuíno...
Ator de alta qualidade:
Tinha alma de menino...

Sai de Baixo, A Falecida:
Era mestre no humor...
Um craque na narrativa:
Do Oscar, apresentador...
Wilker foi magistral:
Um fenômeno como ator...

Deixo aqui na poesia:
Minha singela homenagem...
Ao grandioso ator:
Que segue a sua viagem:
Pelas sendas do destino:
Além da Terceira Margem...

3.2 ABC's

Os ABC's são poemas narrativos em que cada estrofe corresponde a uma letra do alfabeto. Os temas e assuntos são variados.

ABC da saudade

(Luiz da Costa Pinheiro)

Ausente de ti querida
Que alegria posso ter
Quanto mais tempo se passa

Suspiro por não ti ver
Tanto tem a tua ausência
Como tem meu padecer

Basta dizer-te que vivo
 Nesta cruel solidão
 Me lembrando
 De nossa separação
 Sentindo uma atroz saudade
 Dentro do meu coração

Constante sempre serei
 Nesta vida até a morte
 Pedindo a Deus paciência
 Para cumprir esta sorte
 Fora de ti mais ninguém
 Eu não quero por consorte.
 (...)
 Xexeuzinho de coqueiro
 Que vive sempre cantando
 Vai dar notícia ao meu bem

Que aqui estou penando
 A falta de seus carinhos
 Vivo sempre suspirando

Ypiranga hino sagrado
 Do nosso belo
 Muitas vezes tu cantavas
 Com o teu gesto gentil
 A voz subia ao espaço
 Do horizonte cor de anil

Zombar não zombo de ti
 Porque te tenho paixão
 Nas letras deste A B C
 Te dei minha explicação
 Te ofereço meu amor
 Guardas no teu coração

3.3 Pelejas

Na peleja, ou desafio, cada poeta mostra a sua habilidade no verso tentando depreciar o oponente. Elas baseiam-se em desafios reais ou imaginários. Esses desafios apresentam duas formas: a tradicional e a improvisada. Na primeira o cantador canta histórias memorizadas por meio de livros, por exemplo; na segunda o cantador tem que improvisar na hora.

O cantador de pelejas faz uso de artifícios com intuito de desestabilizar ou confundir seu adversário, como por exemplo, o uso do trava-língua. Apesar disto, um cantador jamais usa da imoralidade ou menciona parentes do seu oponente.

Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho

(José Bernardo da Silva)

Apreciem meus leitores
 Uma forte discussão
 Que tive com Zé Pretinho
 Um cantador do sertão
 O qual no tanger do verso

Vencia qualquer questão

(...)

P- Sai daí, cego amarelo

Côr de couro de toucinho
Um cego da tua forma
Chama-se abusa vizinho
Aonde eu botar os pés
Cego não bota focinho

C- Já vi que o seu Pretinho
É um homem sem ação
Como se maltrata outro
Sem haver alteração?
Eu pensava que o senhor
Possuísse educação

P- Este cego bruto, hoje
Apanha que fica roxo
Cara de pão de cruzado
Testa de carneiro mocho
Cego, tu és um bichinho
Quando come vira coxo

C- Seu José, o seu cantar
Merece ricos fulgores
Merece ganhar na sala
Rosas e trovas de amores
Mais tarde as moças lhe dão
bonitas palmas de flores

(...)

P- Cego, agora puxa um
das tuas belas toadas
pra ver se estas moças
dão algumas gargalhadas
quase todo o povo ri
só as moças estão caladas

C- Amigo José Pretinho
eu não sei o que será
de você no fim da luta
porque vencido já está;
quem a paca cara compra
a paca cara pagará

3.4 Romances

P- Cego, estou apertado
que só um pinto no ovo
estás cantando aprumado
e satisfazendo ao povo
este seu tema de paca
por favor diga de novo

C- Disse uma e digo dez
no cantar não tenho pompa
presentemente não acho
quem o meu mapa rompa;
paca cara pagará
quem a paca cara compra

P- Cego, teu peito é de aço
foi bem ferreiro que fez
pensei que o cego não tinha
no verso tal rapidez
Cego, se não for massada
repita a paca outra vez

C- Arre com tanta pergunta
deste negro caipira
não há quem cuspa pra cima
que não lhe caia na cara
quem a paca cara compra
pagará a paca cara

P- Agora, cego me ouça
cantarei a paca, já
tema assim é um borrego
no bico de um carcará
quem a cara cara compra
caca caca cacará

Houve um trovão de risadas
pelo verso do Pretinho
o capitão Duda disse:
arreda pra lá negrinho
vai descansar teu juízo
que o cego canta sozinho
(...)

Os romances geralmente são escritos em sextilhas, com rimas ABCBDB. já na primeira estrofe são apresentados os personagens principais, herói, heroína, vilões, o lugar onde a história acontece e o tipo de história, que pode ser de luta, aventura, amor, humor, mistério, etc. Quanto aos aspectos formais os romances tem poucos personagens e ausência de descrições longas e detalhadas. Alguns folhetos são adaptações de romances e peças teatrais como, por exemplo, Romeu e Julieta de João Martins de Athayde e a escrava Isaura de Apolônio Alves dos Santos. As paisagens, comidas, desejos e sonhos, são sempre nordestinos.

Romance do Pavão Misterioso
José Camelo de Melo Rezende

Eu vou contar uma história
De um pavão misterioso
Que levantou voo na Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando uma condessa
Filha de um conde orgulhoso.

Residia na Turquia
Um viúvo capitalista
Pai de dois filhos solteiros
O mais velho João Batista
Então o filho mais novo
Se chamava Evangelista.

O velho turco era dono
Duma fábrica de tecidos
Com largas propriedades
Dinheiro e bens possuídos
Deu de herança a seus filhos
Porque eram bem unidos.

Depois que o velho morreu
Fizeram combinação
Porque o tal João Batista
Concordou com o seu irmão
E foram negociar
Na mais perfeita união.

Um dia João Batista
Pensou pela vaidade
E disse a Evangelista:
— Meu mano eu tenho vontade
de visitar o estrangeiro
se não te deixar saudade.
(...)

— Eu fiz o aeroplano
da forma de um pavão
que arma e se desarma
comprimindo em um botão
e carrega doze arroba
três léguas acima do chão.

Foram experimentar
Se tinha jeito o pavão
Abriram a lavanca e chave
Encarcaram num botão
O monstro girou suspenso
Maneiro como balão.

O pavão de asas abertas
Partiu com velocidade
Coroando todo o espaço
Muito acima da cidade
Como era meia noite
Voaram mesmo à vontade.

(...)

E Creuza estava deitada
 Dormindo o sono inocente
 Seus cabelos como um véu
 Que enfeitava puramente
 Como um anjo de terreal
 Que tem lábios sorridentes.

O rapaz muito sutil
 Foi pegando na mão dela
 Então a moça assustou-se
 Ele garantiu a ela
 Que não eram malfazejos:
 — Não tenha medo donzela.

A moça interrogou-o
 Disse: — Quem é o senhor
 Diz ele: — Sou estrangeiro
 Lhe consagrei grande amor
 Se não fores minha esposa
 A vida não tem valor.

(...)

Na tarde do mesmo dia
 Que o pavão foi chegado
 Em casa de Edmundo
 Ficou o noivo hospedado
 Seu amigo de confiança
 Que foi bem recompensado.

E também a mãe de Creuza
 Já esperava vexada
 A filha mais tarde entrou
 Muito bem acompanhada
 De braço com o seu noivo
 Disse: — Mamãe estou casada.

Disse a velha: — Minha filha
 Saíste do cativoiro
 Fizeste bem em fugir
 E casar no estrangeiro
 Tomem conta da herança
 Meu genro é meu herdeiro.

3.5 O Marco

Segundo Pinheiro e Marinho (2012) O marco é uma forma poética que testar a habilidade dos poetas populares. Nele, o poeta “expõe os dotes de versar, rimar e construir temas na literatura de cordel”.

O marco brasileiro

Eu edifiquei um marco
 Para ninguém derribar
 E se houver um teimoso
 Verá que nunca fiz coisa
 Para homem desmanchar.

O marco do velho Barros
 É obra desconhecida
 Porque no fundo do mar

A pedra foi escolhida
 O objeto maior
 Que o homem viu nesta vida
 (...)
 E essa pedra foi lavrada
 Com a maior presunção
 Por escultores peritos
 De grande habilitação
 Tem pequena diferença
 Do templo de Salomão

A pedra que forma o marco
 Tem três léguas de grossura
 Entrou na areia do mar
 Dois mil metros de fundura
 E da flor d'água pra cima
 Tem vinte légua de altura
 (...)

Alí é belo se ver
 Ao despontar da manhã
 Que as nuvens devido ao sol
 Ficam da cor da romã
 Ouvir naquela esplanada
 Cantar o guriatã
 (...)

Trina o canário nas árvores
 Rompe o canto o sanhasu
 O colibri beija as flores
 Canta por hora o nambu
 Banhando-se sobre as águas
 O pato e o jaburu
 (...)

Veja ali o girassol
 O tamanho das beneditas
 Os crisântemos as dalias

Buninas, rosas mesquitas
 Veja as perpétuas dali
 Diga se não são bonitas.
 (...)

Um dia que Jeová
 Visitou esse jardim
 Viu jarros feitos de nuvens
 Com muitas rosas e jasmim
 Perguntou o jardineiro
 Quem foi que fez isso assim

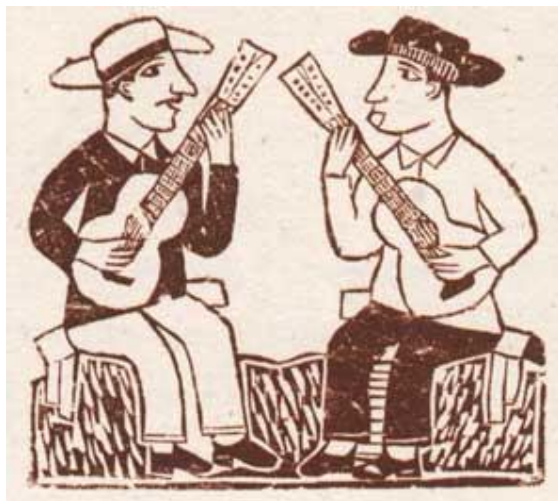
Estas tão garbosas flores
 Quem tem aqui nestes jarros?
 Disse um dos operários
 Que trabalhava nuns carros
 Isso é do velho poeta
 Leandro Gomes de Barros

Foi esse o primeiro marco
 Que deste que escreve fez
 Em vinte e oito de junho
 De novecentos e dezesseis
 Foi lembrança de um amigo
 A pedido de um freguês.

3.6 A Xilogravura

Segundo o Irani Medeiros (2002) a xilogravura é uma importante técnica de representação das crenças, valores e tradições sertanejas, assim sendo, ela mantém um estreito grau de compromisso e identidade cultural com a literatura popular. A xilogravura é feita em madeira com qualquer instrumento cortante, afiado o suficiente para “abrir os sulcos e deles tirar crenças e tradições caboclas vestidas de anjos e demônios, de gente ou bichos, de heróis ou bandidos”. Com técnica rústica e simples, nascem das mãos dos gravuristas as

capas dos cordéis que encantam o matuto nordestino e também a atual sociedade letrada. No entanto, o uso da xilogravura em capas dos folhetos de cordel só aparece a partir da década de 1940.



3.7 A Literatura Oral e a Literatura Infantil

Inicialmente a literatura de cordel não se destinava a nenhum tipo específico de público. No entanto, suas histórias de aventura, romances e histórias fantásticas agradavam a todos.

No entanto, ao lermos alguns cordéis, poderemos perceber algumas aproximações desta literatura popular com a literatura infantil. Nos cordéis encontramos traços de fantasia, inventividade em situações inesperadas, musicalidade, caráter fabular (com a presença de animais), além de recriar contos de fadas mundialmente conhecidos.

Segundo Pinheiro e Marinho (2012, p. 61) “A leitura de cordel para crianças e/ou com as crianças em sala de aula amplia o repertório infantil de convivência com bichos e, sobretudo sua capacidade de brincar com os ritmos da língua e os voos da fantasia”.

O humor é um dos recursos utilizados pelos poetas cordelistas, que além de divertir serve de recurso para chamar a atenção dos leitores/ouvintes para determinados problemas. Os cordéis com temas bem-humorados são

excelentes para serem apresentados aos alunos que nunca tiveram contato com a literatura de cordel.

A temática da seca que ocorre em grande parte do sertão nordestino, expulsando os sertanejos de suas terras, de seus lares é bastante abordada na literatura de cordel, num tom de denuncia ao descaso e esquecimento do povo nordestino por parte dos políticos do país. Trabalhar a leitura desse tipo de cordel em sala de aula poderá suscitar no aluno-leitor uma sensibilidade e senso crítico com relação aos problemas enfrentados pelos nordestinos pobres do sertão.

Os personagens históricos do nordeste e do Brasil também são figurados nos folhetos de cordel, suas façanhas, lutas, vida e morte são relatadas em cordel numa perspectiva popular, através de uma linguagem simples. Através dessa literatura o poeta se posiciona diante da história e dá um caráter ficcional a sua produção.

No próximo capítulo, apresentamos sugestões de como por em prática tudo que discorremos até aqui. Sugerimos duas atividades que podem ser trabalhadas em sala de aula, de forma a contribuir com a difusão e promoção do gênero cordel na escola.

4. O cordel em sala de Aula

Nos capítulos anteriores discorremos sobre o ensino de língua portuguesa nas escolas, sobre a leitura, qual o lugar desta na escola e qual a sua função social. Refletimos ainda sobre os gêneros do discurso e como é importante trabalhar com essa modalidade em sala de aula. Apresentamos ainda um breve histórico sobre a literatura de Cordel e suas características e temática.

Neste capítulo, queremos enfatizar a importância da leitura do cordel em sala de aula, visto que inserida no meio escolar, possibilitará ao leitor vivenciar peculiaridades de determinados grupos sociais. Através da leitura desse gênero o leitor vivenciará experiências humanas de pessoas simples mais com vivências e percepções profundas sobre a condição humana, determinadas instituições, ou fenômenos da natureza.

Nas primeiras décadas do século XX, a literatura de cordel era apreciada oralmente. Apesar de escritos, os folhetos eram cantados ou recitados nas praças, feiras, fazendas, ambientes de trabalho, etc. Os versos eram memorizados por ouvintes analfabetos ou semianalfabetos, ou seja, a voz era o grande instrumento de comunicação e recepção desta literatura, que de boca em boca circulava numa sociedade sem acesso à escrita.

Diante de tudo o que já discutimos e abordamos concluímos que a leitura de cordel em sala de aula oferece ao aluno-leitor fortes elementos para reflexão acerca da vida de determinado grupo social. A leitura desses folhetos leva o leitor a ter uma visão crítica, a medida que as vozes sociais vão surgindo em um discurso enunciado por pessoas pobres, analfabetos ou semianalfabetos, mas que expõem suas ideologias e valores sociais.

A nossa proposta aqui é incentivar educadores e toda comunidade escolar a inserirem a literatura de cordel nas aulas de leitura, nossa sugestão é que os professores apresentem o gênero cordel e incentive seus alunos na prática de leitura do mesmo, não apenas com fins avaliativos, que muitas vezes

pressiona o aluno fazendo com que o mesmo deixe de fazer uma leitura prazerosa.

Por ser uma representação da realidade social nordestina o cordel precisa ser abordado em sala de aula de forma direta e crítica, é necessário que o professor apresente essa literatura evidenciando seu contexto histórico e social, de forma que, consiga despertar o interesse do aluno pela condição social, histórica, política e econômica dos cordelistas e também de seus leitores. Através do estudo da linguagem é possível construir significados e conhecimentos sobre o povo nordestino representado na literatura de cordel.

4.1 Sugestões de atividades com cordel em sala de aula

Compreendemos que qualquer sugestão metodológica no campo do trabalho com a literatura de cordel pressupõe este envolvimento afetivo com a cultura popular.

(PINHEIRO, 2001, p.80)

É importante salientar que não pretendemos apresentar aqui uma receita pronta, mas sugestões de atividades que podem ser trabalhadas e adaptadas de acordo com a realidade de cada turma professor e cada turma de alunos.

Antes de iniciar a atividade o professor deve introduzir a temática com uma conversa sobre a literatura de cordel: sua origem, o porquê do nome, seu desenvolvimento no Brasil, o preconceito que pesou sobre o gênero no passado, sua valorização nos dias de hoje etc. Em seguida, deve apresentar o texto (cordel) escolhido para trabalhar, sem se esquecer de apresentar uma breve biografia do cordelista e o contexto em que o mesmo foi produzido.

4.1.1 Conhecendo a realidade por outros olhos

Nossa primeira proposta é que o professor primeiramente faça uma leitura compartilhada com seus alunos do cordel **Suspiros de um sertanejo** de

autoria de **Leandro Gomes de Barros**. O educador deve estar atento as reações dos alunos diante da leitura do cordel (antes é necessário que o professor faça um ensaio da leitura e se possível decore algumas estrofes), logo em seguida deve estimular seus alunos a se pronunciarem sobre o texto que acabaram de ouvir, interagir com ele e fazer aproximações do mesmo com suas vivências, depois apresentar o gênero discursivo cordel aos seus alunos, mostrando suas características e função.

Com essa atividade o professor poderá levar seus alunos a:

- 1- Conhecer a literatura de cordel – produção cultural, análise da linguagem verbal e não verbal e o suporte do gênero.
- 2- Reconhecer heranças culturais regionais e locais;
- 3- Relacionar o cordel e a cultural regional e local;
- 4- Conhecer estrutura de um texto de Cordel;
- 5- Despertar a curiosidade dos mesmos a respeito do gênero literatura de cordel a nível local, estadual e regional, levando-os a despertar o interesse pela pesquisa;
- 4- Valorizar as diversas culturas do país, sua contribuição para a construção da identidade nacional.
- 5- Reconhecer a influência da cultura nordestina em outras culturas no Brasil.

Dessa forma, os alunos terão mais prazer ao ler e a leitura fará sentido para os mesmos e o professor estará trabalhando de forma transdisciplinar o gêneros, elencando conhecimentos que fazem parte da História e da Geografia em suas aulas, tornando-as mais atrativas e significativas para a vida do aluno.

4.1.2 Comparando gêneros

É evidente que o cordel é um gênero da Literatura Oral e Popular, que com o passar dos anos vem ganhando dimensão no cenário nacional. E

justamente por ser uma literatura de cunho popular, no que diz respeito ao seu enredo e à divulgação, o cordel tem se tornado uma prática recente no ensino na maioria das escolas públicas do Brasil.

Utilizando o mesmo cordel, sugerido na atividade anterior (Suspiros de um sertanejo de Leandro Gomes de Barros), o professor pode ainda trabalhá-lo numa perspectiva comparativa entre o cordel Suspiros de um sertanejo de Leandro Gomes de Barros e o poema Canção do exílio de Gonçalves Dias. Pode-se trabalhar a questão do saudosismo, e as peculiaridades existentes no Brasil, abordar as diferenças regionais descritas no poema de Gonçalves Dias e o cordel de Leandro Gomes de Barros.

Para tanto, o professor deverá trabalhar a estrutura e características dos dois gêneros (cordel e poema). As peculiaridades de cada um e as semelhanças. Assim, poderá levar seus alunos a:

- 1- Conhecer estrutura de um texto em Cordel e compará-lo com os poemas;
- 2- Evidenciar particulares do gênero cordel que são semelhantes em poemas;
- 3- Reconhecer variações linguísticas presentes no texto associando com variações regionais e comparando com a linguagem presente no poema de Gonçalves Dias;
- 4- Associar a realidade representada nos dois textos com a realidade local dos alunos em questão.
- 5- Conhecer artistas que trabalham com a literatura de cordel.
- 6- Valorizar as diversas culturas do país, sua contribuição para a identidade nacional.
- 7- Reconhecer a influência da cultura nordestina em outras culturas no Brasil.

Com atividades como essa, o professor, poderá além de ampliar o conhecimento de seus alunos a respeito da literatura de cordel e do gênero poema proporcionar aos mesmos uma visão mais ampla de sua realidade, bem

como fazer uma comparação com a realidade retratada no contexto em que foram escritos os dois textos. E fazê-los refletir que no gênero cordel há:

- 1- Regionalismos, metáforas e palavras que fogem da grafia-padrão, por exemplo;
- 2- Estão presentes no texto fatos históricos e aspectos culturais referentes a narrativa;
- 3- Os desvios ortográficos típicos do cordel têm origem na estreita relação do gênero com a linguagem oral. Portanto, nesse contexto, eles não são considerados erros, mas traços da fala coloquial e da cultura popular que refletem o ambiente no qual o cordel foi criado.

É importante salientar que esses elementos refletem o diálogo do sertanejo com suas crenças e seus dilemas cotidianos. É fundamental, portanto, que o professor estude os cordéis que serão lidos para ajudar seus alunos a compreendê-los. Preparar um vocabulário com termos regionais também pode ajudar bastante na hora da compreensão de alguns termos e expressões, uma vez que alguns cordéis apresentam uma linguagem arcaica e/ou fora dos padrões.

Suspiros de um Sertanejo

Leandro Gomes de Barros

Minha alma triste suspira,
Em deslumbrante desejo:
Eu choro por minha terra,
Há tempos que não a vejo!
São suspiros arrancados
Do peito de um sertanejo!
Morro, não me esqueço
De tudo que encerra
Esta santa terra,
Meu sagrado berço!
Meu sertão de apreço,
Solo abençoado
Hoje desterrado
Me vejo proscrito,

Arrancando um grito
De um peito cansado!

Hei de cantar as belezas
Daquela terra encantada –
Só digo o que ela tiver,
Não quero exagerar nada!
A natureza lhe deu
Nome de jardim da fada.

E, como, devera,
Não há mais mimosa –
Parece uma rosa
Pela primavera!

Oh! Deus! Quem me dera
 As cenas dali –
 Ver o que já vi
 Enquanto criança
 Mas essa esperança
 De tudo perdi!

Deslumbra a alma que vê
 Aquele grati arrebol:
 Quando a brisa fresca e mansa
 Bafeja ao sair do sol,
 Pelas biqueiras da casa,
 Canta alegre o roxinol.

Que manhãs saudosas!
 Que horas de amores!
 Quando os beija-flores,
 Com as asas garbosas,
 Com penas lustrosas,
 Vem se peneirando
 E examinando,
 Ver se o camará
 Ou o maracujá,
 Tem algum florando.

As tardes lá são tão belas
 E chamam tanta atenção,
 Que embrandecem o momento
 O mais duro coração –
 Não pode cantar no mundo,
 Quem nunca foi ao sertão!

Quem nunca passou
 Pelo Siridó,
 E pelo Piancó
 Nunca viajou,
 Não saboreou
 O mel do abreu –
 Um desses nasceu
 Em hora esquecida,
 Passou pela vida,
 Porém não viveu!

Aquela terra de amores
 Do meu coração não sai!
 Visito-a sempre por sonho:

Às noites minh'alma vai
 Ver a terra onde primeiro
 Chamei mamãe e papai!

Não posso eixar
 De cantar a terra –
 De lá uma serra
 Não deixo passar!
 Meu amor, meu lar,
 Meu bem, meu prazer p
 Para que viver,
 Estando ausente dela?
 Eu olhando ela
 Queria morrer!

Ali, nas noites de lua,
 As crianças nos terreiros,
 Correndo descalças e nuas
 E fitando os nevoeiros,
 Na mente que a lua vem
 Nascendo atrás dos outeiros.

(...)

O sol nasce muito brando,
 O vento desaparece
 De noite na lua há círculo
 E o nascente escurece.
 O gado urra no campo,
 O chão umedece.

(...)

Chove ali dois ou três dias.
 Depois que a chuvada passa,
 Tudo o que existe acelera-se,
 Desde a formiga a uma caça;
 Os sapos, pelas lagoas,
 Parece a musica na praça.

(...)

São João animado,
 A terra está rica:
 É tanta canjica,
 Tanto milho assado!

O samba trincado,
Em qualquer casinha,
Da sala à cozinha,
Só se vê soar,
Viola tocar
E dançar mulatinha.

(...)
É belo ver a chegada
Do gado para o curral:
Os vaqueiros encourados
Tirando o gado do val,
Com cuidado que os novinhos

Canção do exílio

Gonçalves Dias

"Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, a noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não entrem no mufumbal.

O touro, se vê,
No sol muito quente –
Vaqueiro na frente
Não deixa-o correr.
Pega a arremeter,
Fazendo explosão;
Fazendo menção,
Espirra ligeiro,
Porém o vaqueiro
Estende-se no chão!

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;

Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem que ainda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá."

4.1.3 Sequência didática com “Lampião o terror do nordeste”

Neste momento para introduzir o assunto, deve ser feito um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre Lampião. Verificando dessa forma, o que se sabe sobre “esse herói” nordestino. O professor pode solicitar um trabalho de pesquisa sobre o gênero, que pode ser desenvolvido em três vertentes: ou uma pesquisa sobre a história de Lampião na perspectiva histórica e na perspectiva apresentada na Literatura de Cordel, uma vez que, este é um personagem abordado por muitos cordelistas, ou sobre a biografia do Rodolfo Coelho Cavalcante buscando compreender o que

o levou a escrever sobre lampião, ou ainda, elaborar uma pequena antologia de cordéis que tratem sobre o mesmo.

Por último propomos a leitura do cordel “Lampião o terror do nordeste” de Rodolfo Coelho Cavalcante, a temática deste cordel é tradicional e permanente, pois trata de um tema e fato histórico acontecido e conservado na memória dos poetas. No entanto, o professor ao trabalhar com este cordel deve preocupar-se em não apresentá-lo como um mero relato jornalístico, mas deixar claro que ao escrevê-lo o poeta posiciona-se diante da história, dando um caráter ficcional a sua obra.

Ao ler o cordel em sala de aula o professor deve chamar atenção de seus alunos para a temática social, a questão do regionalismo, religiosidade, coronelismo e a representação histórica e social do sertanejo e do cangaceiro. Levantar questões tais como? Lampião é apresentado como vilão ou herói pelo narrador? De que forma ele é representado pelo discurso do enunciador? Quais seus valores e crenças? A obra tem caráter denunciador? O leque de questionamentos é grande e pode levar a inúmeras discussões em sala de aula.

Essa atividade tem como objetivos proporcionar aos alunos:

- 1- O contato com a cultura popular por meio do cordel;
- 2- despertar a curiosidade dos alunos a respeito de personagens tipicamente nordestinos;
- 3- Trabalhar a interdisciplinaridade, fazendo uma ponte entre o estudo da língua, a literatura e a História através do cordel;
- 4- Suscitar no aluno, por meio do cordel, o gosto pela leitura, compreendendo o texto literário como uma forma de humanização;
- 5- Refletir acerca de temáticas alusivas a questões sociais.

Lampião – O Terror do Nordeste
Rodolfo Coelho Cavalcante

Falar sobre Lampião
 É tema nunca esgotado
 Pois foi ele no Nordeste
 No cangaço o mais falado
 Se não fosse cangaceiro
 Talvez fosse um brasileiro
 Dedicado ao seu Estado.

Infelizmente o Destino
 Faz do mofino – um covarde,
 Pelo karma, certamente.
 Desde o nascimento à morte
 Cada um tem a sua sorte
 Um do outro diferente.

Com seus dezenove anos
 Virgulino começou
 A matar os Saturninos
 Da questão que se gerou
 Por motivo de um chocalho
 E por isso deu trabalho
 Ao Nordeste que chorou.

Distrito de Vila Bela
 Residia Virgulino,
 Sendo ele dos Ferreira
 Visinho de Saturnino,
 Cujo seu visinho amigo
 Se tornou um inimigo
 Pelo gênio do menino.

Uma certa manhã José
 Saturnino colocou
 O chocalho numa vaca
 E lá no pasto a soltou.
 Virgulino que passava
 Vendo a vaca que pastava
 O seu chocalho amassou.

No outro dia José
 Viu o chocalho amassado
 E em casa disse ao pai
 O que tinha se passado,

Pegou prestar atenção
 Para ver qual a intenção
 Do autor excomungado

Virgulino várias vezes
 Seus chocalhos amassou.
 Também José Saturnino
 Ao visinho revidou
 Seus chocalhos amassando,
 Daí foram se intrigando
 E a guerra começou.

Tendo inicio nos chocalhos,
 Ao depois, horrivelmente.
 Ferreira e Saturninos
 Cada qual o mais valente
 Um matava, outro matava.
 E o ódio mais aumetava
 Entre aquela pobre gente.

Filho de José Ferreira
 O Famoso Lampião
 Que assassinava gente
 Sem a menor compaixão,
 Com Antonio e com Levino
 Fez um trio Virgulino
 Sem alma, sem coração.

Dizem que em Mata Grande
 A mãe dele faleceu
 E ao depois José Ferreira
 Num ataque pareceu
 Mais perverso da Volante,
 Virgulino delirante
 Mais no crime se estendeu.

Ao morrer seu velho pai
 Lampião o sepultou
 E partiu para as caatingas
 Com um rifle que se armou,
 Escreveu ele a história
 Da sua vingança inglória
 Que o sertão presenciou

Volantes e mas Volantes
 De Pernambuco à Bahia

De Sergipe a de Alagoas
Atacavam todo dia,
Virgulino com seu Bando
Iam roubando e matando
Na pior selvageria.

Só o ódio e a vingança
Conduzia Lampião
Para vingar seu coração,
Numa tempera de aço
Fez da vida do cangaço
Seu esporte no sertão.

No lugar que ele passava
Rio de sangue corria,
Castrava, matava gente,
Toda maldade fazia,
Quando alguém o sonegava
Qualquer dinheiro, matava
E tomava o que queria.

Triçoeiro como o tigre
Como um leão – carniceiro,
Maldoso como a serpente,
Foi o pior cangaceiro,
Pernambuco que era
Se tornou a Besta Fera
Do Nordeste Brasileiro.

Lampião era um sujeito
Que só olhava de frente,
Com a mão no seu punhal
Pratiado reluzente,
Tanto ele como a Gang
Foram Vampiros de sangue
Do Nordestino inocente.

Lampião com o Major
Conhecido por Ferraz
Tiveram um grande combate
Por dentro dos matagais
Lá na Serra das Panelas
Entre espinhos de favelas
Que assustaram o Satanás.

Nessa luta Lampião

O seu pé se esfacelou
E por isso numa grotta
Dois meses ele passou,
Quando sentiu-se curado
Ficou mais endiabrado
Da carreira que levou.

No disparo de um fósforo
Numa noite de verão
Ele atirou em um vulto
Que estatalou-se no chão.
Por este feito atrevido
Recebeu ele o apelido
Conhecido LAMPIÃO.

Em Santana do Ipanema,
De Alagoas – Estado
Tinha o Coronel Lucena
Seu Comando organizado
Para varrer o sertão
E assassinar Lampião
Caso não fosse algemado.

Mas essa vontade nunca
Lucena realizou,
Do seu pai nunca vingou,
Era o Leão e a Hiena,
Não tinha medo Lucena
Nem Lampião se assombrou.

Lutaram diversas vezes
Peito-a-peito frente-a-frente
Mesmo em campo descoberto,
Cada qual o mais valente,
Nunca houve triunfante
Pois o Bando e a Volante
Tinham “baixas”, certamente.

Se Lampião fez misérias
De formas horripilantes
Muitas misérias faziam
Contra o povo as Volantes
Os sertanejos, coitados,
Sofreram golpes pesados
E os saques cruciantes,

Capitão José Rodrigues
 João Bezerra e outros mais
 Em matarem Lampião
 Não descansavam, jamais,
 Com o mesmo instinto, pois,
 Lampião atrás dos dois
 Quase que não tinha paz

Julho de noventa e sete,
 Dia sete, Lampião,
 Na Era mil Oitocentos
 Nasceu ele no sertão
 Duma família singela
 De acordo a Certidão
 Adorava Padre Cícero
 O Santo do Juazeiro
 E por isso diz o Povo
 Nunca ofendeu umromeiro.
 É coisa que acredito
 Mesma de gênio esquisito
 Tinha fé o Bandoleiro.

Prendendo ele um fotografo.
 O coitado Jornalista
 Tirava fotos do Bando
 Lampião dando entrevista
 Dos seus hediondos planos
 Mais sinistros e tiranos
 Como se fosse um Artista.

Lampião nunca sorriu
 Para os seus dentes mostrar.
 Quando sorria era o ódio
 Sua senha de matar,
 Nasceu pra ser carnicheiro,

Foi o Nero brasileiro
 Que se pode registrar.

Teve como companheira
 Da sua triste desdita
 Uma linda sertaneja,
 Corpo bem feito, catita,
 Que não era sanguinária
 De alma extraordinária
 Maria Déa – a “Bonita”.

Era mulher corajosa
 Que tinha disposição
 Para ser aventureira,
 Porém cangaceira, não,
 Foi companheira fiel
 Do bandido mais cruel-
 Virgulino Lampião.

Lampião numa emboscada
 A sua vida perdeu,
 Também Maria Bonita
 Nesse combate morreu,
 Na “Fazenda do Angico”
 Findou-se todo conflito
 Do chocalho que se deu.

R-uiu a ponte do ódio.
O- mar de sangue estancou,
D-escançaram os sertanejos,
O- Nordeste se salvou.
L-ampião perdeu a vida,
F-oi o maior homicida
O-nde seu vulto passou.

Dessa forma, o trabalho com a leitura, especificamente, com a leitura de cordel será bem mais prazeroso e proveitoso, uma vez que os alunos poderão ter contato com aspectos culturais e sociais mais próximos de sua realidade. O que muitas vezes dificulta o trabalho com a leitura em sala de aula é a forma como esta é proposta, de forma fragmentada e desvinculada da realidade do aluno, sendo assim, sem sentido e significado para o mesmo. Quando trabalhada de forma

interativa, a leitura, torna-se atraente e envolvente e deixa de ser uma obrigação para se tornar uma atração. Estaremos assim, cumprindo nosso papel e as determinações das diretrizes curriculares no que refere ao trabalho com a leitura em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou problematizar o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa através do uso do gênero discursivo Literatura de Cordel, em sala de aula. A prática da leitura desse gênero suscita discussões a cerca da função social presente no ato de ler e aborda a natureza e as especificidades das práticas sociais e culturais do letramento.

Inicialmente discorremos sobre o ensino de Língua Portuguesa na escola, e percebemos que infelizmente os educadores ainda pautam suas aulas pela norma tradicional e estruturalista, muitas vezes por comodismo ou por falta de preparo e suporte teórico. Em seguida constatamos que a prática da leitura em sala de aula é inexistente ou incoerente, pois o professor muitas das vezes utiliza o texto como pretexto para o ensino de regras gramaticas e deixa de evidenciar a função social do texto e também sua significação como um todo.

Tentamos evidenciar que a leitura deve ser vista e abordada a partir da concepção interacionista em que o autor-texto-leitor interagem entre si, nessa concepção a leitura é vista como uma atividade interativa, onde autor, leitor e texto interagem entre si. Por fim, ainda no primeiro capítulo abordamos os aspectos dos gêneros do discurso que segundo Bakhtin (2003) e frisamos a importância de se trabalhar com gêneros em sala de aula, dotando os alunos do conhecimento do maior número de gêneros possível, para que assim, ele possa se expressar de forma adequada nas diversas situações de comunicação.

No capítulo seguinte procuramos situar o leitor quanto a origem da Literatura de cordel, suas características e a importância da leitura do gênero literatura de cordel para a formação do aluno-leitor em cidadão ativo, crítico e consciente. Procuramos evidenciar os benefícios da prática de leitura em sala de aula desse gênero ao ser trabalhado por professores numa perspectiva interacional.

No último capítulo propomos algumas atividades com o Cordel em sala de aula, mostrando que a prática de leitura desse gênero é possível, pois, através da leitura da literatura de cordel professores e alunos refletirão sobre questões morais, sociais e culturais do nordeste do Brasil. O trabalho com Cordel nas aulas de Língua Portuguesa não é impossível, basta que o educador destitua-se dos preconceitos e

encare a literatura de cordel como um gênero discursivo, que nos possibilita trabalhar e apreciar não só a sua riqueza estética, mas também suscita várias discussões acerca da realidade social, cultural e política da época em que foram escritos e também da nossa.

Podemos afirmar que o gênero cordel é um produto social e, como tal, é heterogêneo, variado e suscetível a mudanças, assim como a nossa língua, por tratar-se de um gênero oral. A poesia de cordel é regida muitas vezes, pelos fatos do cotidiano e, pela voz do narrador, tomamos conhecimento dos valores sociais do povo nordestino.

A utilização do cordel no ambiente escolar deve explorar todas as possibilidades de sentidos do texto como as vozes sociais que tratam do fantástico, dos fatos históricos e políticos, dos problemas da seca, entre outros. Embora o narrador, na maioria das vezes, possua um baixo grau de escolaridade, no cordel, o enunciador expressa através de seus versos o abandono do governo no tocante a desenvolver e efetivar políticas voltadas aos problemas que assolam o povo nordestino. É extremamente valioso reconhecermos nele mais um meio de comunicação verbal capaz de informar, de formar opiniões, questionamentos, reflexões, interagir com o aluno fornecendo a oportunidade de entrar em contato com o outro, a partir da experiência do outro.

O cordel é sem dúvida, um importante instrumento para a aprendizagem do aluno, devido a sua linguagem simples e suas vozes sociais que representam o nordestino, o sertanejo, o pobre. Através da leitura desse gênero, o aluno-leitor reflete sobre uma sociedade que ainda apresenta marcas de religiosidade, patriarcalismo, má distribuição de renda, por meio da voz do nordestino expressa pelo enunciador do Cordel.

O cordel encanta, informa e, acima de tudo, ensina. Os textos em cordel são, além de literatura, documentos importantes para se trabalhar a História do povo nordestino, suas lutas e superações. O que nos leva a considerar o cordel um gênero essencial a ser trabalhado na sala de aula quer seja no Ensino Fundamental ou Médio, uma vez que pode proporcionar uma outra visão aos alunos e contribuir até com a sua auto estima, enquanto nordestinos, pois vai lhes proporcionar o conhecimento de sua cultura.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Hélder Pinheiro. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. In: **Leitura de literatura na escola**. São Paulo, SP: Parábola, 2013.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**. Parábola, São Paulo: 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Loyola, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261 – 306.
- BUZEN, C. & MENDONÇA, M. (org.) **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4. Ed. São Paulo: 2006.
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- KOCH, Igedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- LAJOLO, Mariza. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARINHO, Ana Cristina & PINHEIRO, Hélder. **O Cordel no cotidiano escolar – São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção trabalhando com... na escola)**
- MEDEIROS, Irani. **No reino da poesia sertaneja: antologia** Leandro Gomes de Barros - João Pessoa: Ideia, 2002.

NEGROMONTE, Suzan Kelly. **As Práticas de Leitura presentes na população carcerária do Presídio de Igarassu.** (Dissertação de Mestrado) João Pessoa: UFPB, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que o professor de português precisa saber: a teoria na prática.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ORLANDI, Eni Pulceni. **Discurso & Leitura.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: **História da leitura no mundo ocidental.** São Paulo: Ática, 1999. v. 2.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Marinho. **Cordel na sala de aula.** São Paulo: Duas cidades, 2001. (coleção Literatura e ensino; v 2)

SAVELI, Esméria de Lourdes. In: CORREIA, D. A. ; SALEH, P. B. de O. (orgs), **Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso.** São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e Letramento.** Belo Horizonte: Autêntica 1985.

ZILBERMAN. Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (orgs). **Leitura: perspectivas interdisciplinares.** 5 ed. São Paulo: Ática, 2005.

Sites:

Casa de Rui Barbosa
<<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro.html>> Acessado em: 19 de janeiro de 2014.